Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Dossiê Linguagens Urbanas: olhares e diálogos nos territórios das cidades

CARTOGRAFIAS DO CORPO TRANS NA CIDADE

CARTOGRAPHIES OF THE TRANS BODY IN THE CITY

CARTOGRAFÍAS DEL CUERPO TRANS EN LA CIUDAD

Walter Rodrigues Marques[1]
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), São Paulo/SP, Brasil

Resumo

O ensaio visual trata de um corte no processo de transformação da travesti Jhenny. Apresenta o momento em que ela conquista seu nome sob o qual se reconhece e simboliza este ato com a queima do RG que não lhe representa. O ensaio recupera momentos de Jhenny nas relações do corpo trans pela cidade, exercendo seu direito de cidadã que é usufruir dos espaços citadinos. Jhenny é ativista e engajada na luta pelos direitos das pessoas trans na cidade de Santa Inês, no Maranhão. Este ensaio objetiva dar visibilidade às lutas das pessoas LGBTQIAPN+ no território brasileiro e quiçá do mundo, não se restringindo apenas ao lugar-território em que Jhenny habita. Considerando que o Brasil é um dos países com um alto nível de violência física e simbólica contra as pessoas LGBTQIAPN+, este ensaio busca minimizar danos e conter a homofobia por meio da exposição de um corpo-sujeito que transita pela cidade.

Palavras-chave: Morte e ressurreição. Corpo trans na cidade. Ativismo, homofobia e transfobia.

Abstract

The visual essay is about a break in the transformation process of transvestite Jhenny. It shows the moment when she gains the name under which she recognises herself and symbolises this act by burning the ID card that doesn't represent her. The essay recaptures moments of Jhenny's trans body in the city, exercising her right as a citizen to enjoy city spaces. Jhenny is an activist and engaged in the fight for the rights of trans people in the city of Santa Inês, Maranhão. This essay aims to give visibility to the struggles of LGBTQIAPN+ people in Brazil and perhaps around the world, not just in the place-territory where Jhenny lives. Considering that Brazil is one of the countries with a high level of physical and symbolic violence against LGBTQIAPN+ people, this essay seeks to

[1] Bolsista de doutorado pela Fundação de Amparo à Pesquisa ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA). Pesquisa: indígenas e o contato; educação em museus; arte/educação; arqueologia/antropologia; cerâmica; artes visuais; tecnologias na educação.

RODRIGUES MARQUES, Walter. CARTOGRAFIAS DO CORPO TRANS NA CIDADE. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 65, N. 65, p. 1-13, Outubro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

minimise damage and contain homophobia by exposing a body-subject moving through the city.

Keywords: Death and resurrection. The trans body in the city. Activism, homophobia and transphobia.

Resumen

El ensayo visual trata de una pausa en el proceso de transformación de la travesti Jhenny. Muestra el momento en que obtiene el nombre con el que se reconoce y simboliza este acto quemando el DNI que no la representa. El ensayo recupera momentos del cuerpo trans de Jhenny en la ciudad, ejerciendo su derecho como ciudadana a disfrutar de los espacios urbanos. Jhenny es activista y participa en la lucha por los derechos de las personas trans en la ciudad de Santa Inês, Maranhão. Este ensayo pretende dar visibilidad a las luchas de las personas LGBTQIAPN+ en Brasil y quizás en todo el mundo, no sólo en el lugar-territorio donde vive Jhenny. Teniendo en cuenta que Brasil es uno de los países con un alto nivel de violencia física y simbólica contra las personas LGBTQIAPN+, este ensayo pretende minimizar el daño y contener la homofobia mediante la exposición de un cuerpo-sujeto que se mueve por la ciudad.

Palabras clave: Muerte y resurrección. El cuerpo trans en la ciudad. Activismo, homofobia y transfobia.

Cartografar os corpos trans é preciso

"Não se nasce mulher, torna-se mulher"[2] (Simone de Beauvoir).

Este ensaio visual tem como tema a representação e/ou autorrepresentação, uma vez que as fotografias dispostas abaixo foram cedidas pela trans Jhenny, radicada no município de Santa Inês, no Maranhão. Jhenny, como tantas pessoas LGBTQIAPN+, passou por um processo doloroso de aceitação social, ainda que desde cedo já tivesse convicção de quem era. A sociedade heteronormativa/patriarcal é cruel em seu julgamento – não deixa passar sem dor, o processo de reconhecimento da condição de pessoa das LGBTQIAPN+. No sentido de trazer a visibilidade às questões porque passou Jhenny, mas que reverbera em outras pessoas trans, utilizou-se de fotografias postadas em seu Instagram (cedidas por ela) para compor o ensaio. Portanto, uma

[2] SANTOS, M. G. SIMONE DE BEAUVOIR. "Não se nasce mulher, torna-se mulher". Sapere Aude, v. 1, n. 2, p. 108-122, 30 maio 2011.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

produção científica que se enquadra no campo das ciências humanas e das linguagens, especificamente, as artes visuais (fotografia).

O trabalho se utiliza dos fundamentos teóricos de Judith Butler assim como o uso da ideia de Simone de Beauvoir de que o gênero é constituído socialmente. O site Outras Palavras, traz o seguinte enunciado sobre a questão do gênero: "Judith Butler: *Quem tem medo do gênero?* O fantasma, agitado pelo fascismo, virou álibi para restaurar a hierarquia patriarcal e destruir quem busca viver em liberdade. A tarefa é enfrentar o sadismo moral disfarçado de moralidade, por meio de uma visão ética e política transformadora" (Butler, 2024, NP). A matéria do site faz também o seguinte destaque:

> O gênero faz parte do feminismo há muitas décadas. Quando nós, feministas, levantamos a questão "O que é uma mulher?", estamos reconhecendo desde o início que o significado dessa categoria permanece incerto e até enigmático. O gênero é, em uma definição mínima, a rubrica sob a qual consideramos as mudanças na forma como homens, mulheres e outras categorias afins têm sido compreendidas .(Butler, 2024, NP).

Insights como os abaixo listados, serviram de inspiração para a escrita deste texto e proposição do ensaio.

O ensaio visual parte da reflexão, dentre tantas outras, de algumas postagens no Instagram da Professora Lilia Schwarcz e da Deputada Federal por São Paulo, Erica Hilton, sobre o porquê as pessoas LGBTQIAPN+ não têm ampla representação nas Casa Legislativas. Essa falta de representação as coloca na condição de minorias sociais. A Professora questiona o porquê de uma Comissão da Mulher não ter nenhuma mulher na foto e a Deputada questiona o porquê de as LGBTQIAPN+ não terem representação.

Érica Hilton – essa mulher criou uma coisa muito poderosa nesse país chamado Brasil – de herança colonial não só histórica, mas social, política, econômica, sexista, racista e patriarcal: a fagulha para um projeto de poder, de fato. Ela abriu um caminho no campo da política a partir daquilo que ela é e se apresenta como tal. Não se está negando as lutas que precederam Hilton, mas destacando o quanto sua atuação é pertinente e traz esperança de que é possível pensar numa sociedade em que se possa sonhar. A deputada federal Érica Hilton, defende uma pauta acolhedora para com as minorias sociais. O interessante e que

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

vale destacar na atuação da deputada é que ela não se fecha na defesa dos LGBTQIAPN+ apenas, mas sai em defesa de todos aqueles que a sociedade patriarcal colocou à sua margem, ou seja, as pessoas em situação de rua, as pessoas pretas, as pessoas indígenas, as marginalizadas, faveladas etc. A ação dessa mulher responde e/ou direciona ao questionamento da professora Lilia Schwarcz sobre a fotografia da Comissão da Mulher figurar apenas com homens: será que não sabemos votar, por que não votamos naqueles que podem nos representar enquanto classe?

Érica Hilton nos deu a esperança de que podemos sonhar, de que podemos mudar as coisas nesse país, e uma ferramenta muito poderosa que temos em nossas mãos é o voto. Essa ferramenta é tão poderosa que todo um aparato jurídico-político-econômico-ideológico se formou em torno dela para nos privar de pensar/sonhar, incutindo em nós o sentimento incapacitante, inclusive, de organização em classe, em que eles é que pensam por nós e decidem o que somos capazes de fazer. É um projeto cognitivo de poder.

Nessa linha de discussão, vamos lembrar de Rita von Hunty, Jessé de Souza e Boaventura de Sousa Santos, que dialogam com o destacado acima sobre Érica Hilton e Lilia Schwarcz. Uma colega do curso de Ciências Sociais, militante, preta e de periferia, uma vez me disse: “pobre não vota em pobre”.

Precisamos mudar isso. Ou mudamos ou permaneceremos sempre no cabresto e jamais seremos arautos de nós mesmos. Luto, entre tantas outras frentes da luta diária pela sobrevivência: na sala de aula, buscando esclarecer os estudantes de que são capazes de mudar as coisas, apesar das mazelas as quais a sociedade os colocou e, – escolhendo em quem votar; escrevo esperançando, uso a letra e a escrita para mobilizar/motivar as pessoas; escolho em quem votar a partir de seu projeto de sociedade. E a reflexão que apresento aqui é: aprenda a votar e a fazer escolhas em sua vida, busque representantes de sua classe, seja ela econômica, social, sexual, cultural; embora isso não seja garantia de representação, já se configura enquanto mudança de pensamento, possibilidade de sonhar com uma existência melhor do que a que temos todos os dias em nossos espaços sociais.

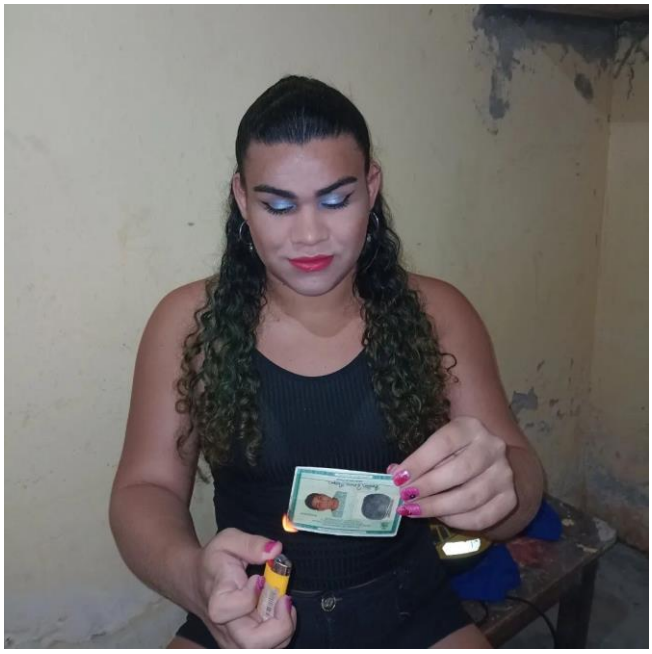
Não devemos esquecer que fazemos parte de um projeto cognitivo de poder que não nos considerou enquanto sujeitos, portanto, devemos pensar que fomos

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

relegados, desde o projeto colonial, aos “do lado de lá” (Santos, 2007). Desta forma, traz-se a seguinte reflexão para corroborar com as imagens e a mensagem do ensaio visual: pretos e pretas, busquem os de sua classe para votar, pois os brancos já o fazem; LGBTQIAPN+, busquem serem representados, elegendo LGBTQIAPN+, pois pelo menos teremos a possibilidade de sonhar com políticas inclusivas para nossa classe; mulheres, votem em mulheres, não nas mulheres fantoches, mas nas mulheres que lutam pelos direitos das mulheres; indígenas, formem sua representação. Não estou dizendo que essas classes não estão lutando por seus direitos, mas chamando a atenção para que as “ditas” minorias sociais se levantem e ajam em sua defesa. Somente pela educação – em sentido amplo – poderemos mudar essa estrutura patriarcal de poder.

As figuras 1, 2 e 3 apresentam (em três atos) um momento de êxtase em que, por meio da queima do RG, Jhenny escreve em seu Instagram: “eu matei ele: retificação da travesti”. Destaca-se a figura 4 que apresenta a transformação de Jhenny, por meio da performance, utilizando-se do *hit Motomami* da cantora catalã, Rosalía, que performatiza uma transformação no vídeo clipe *Motomami*. Já as figuras 5 a 10) trazem momentos do cotidiano na cidade, nos eventos de luta como a Parada LGBTQIAPN+, e momentos de lazer, pois a vida também deve ser vivida.

Figura 1 – Retificação da travesti (ato 1)



Fonte: arquivo do autor (cedido pela personagem).

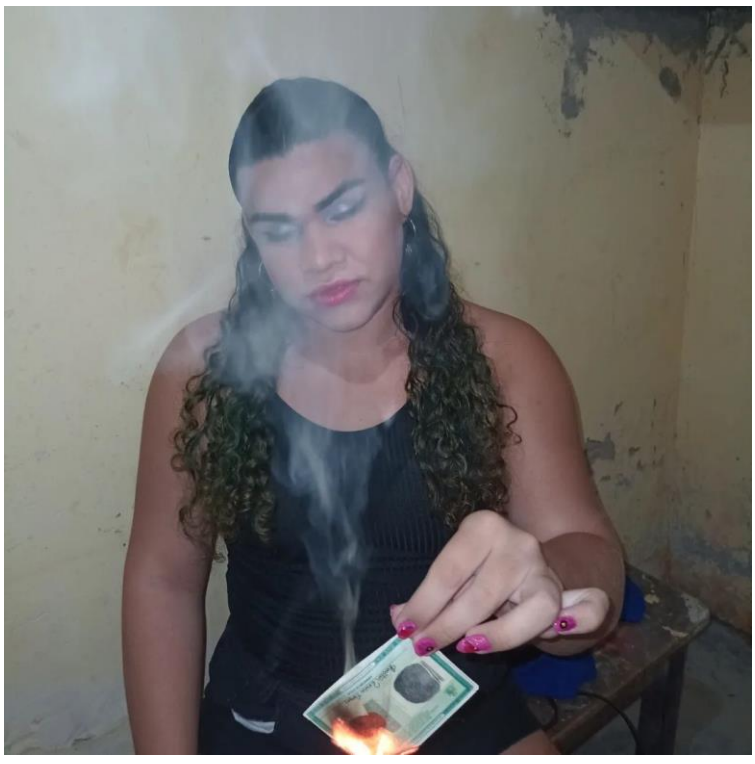
V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Figura 2 – Retificação da travesti (ato 2)



Fonte: arquivo do autor (cedido pela personagem).

Figura 3 – Retificação da travesti (ato 3)



Fonte: arquivo do autor (cedido pela personagem).

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Na figura 4 abaixo, Jhenny transforma-se ao modo *Motomami*, que é o Manifesto de transformação da cantora catalã Rosalía. Destacamos do portal público.pt, a matéria jornalística: *Motomami*: o manifesto da transformação de Rosalía, na qual o jornalista Gonçalo Frota faz o seguinte destaque: "Aquilo que se escuta em *Motomami* é mesmo a liberdade e o desejo cumprido de querer ser tudo ao mesmo tempo" (Frota, 2022). De acordo com o jornalista, o Manifesto apresenta "[...] a transformação como natureza, a contradição como direito e consequência assumida, o desejo de ser tudo como voragem criativa, a autodeterminação como estrutura" (Frota, 2022). E assim é Jhenny, nossa personagem que assume ser quem é, com criatividade e ousadia.

Figura 4 - *Motomami*[3]



Fonte: arquivo do autor (cedido pela personagem).

[3] Trecho do Manifesto *Motomami:* o manifesto da transformação de Rosalía "*Yo soy mía, yo me transformo / Una mariposa, yo me transformo / (...) Me contradigo, yo me transformo / Soy to'a la' cosa', yo me transformo*" (Frota, 2022).

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Figura 5 – Na Parada LGBT Santa Inês



Fonte: arquivo do autor (cedido pela personagem).

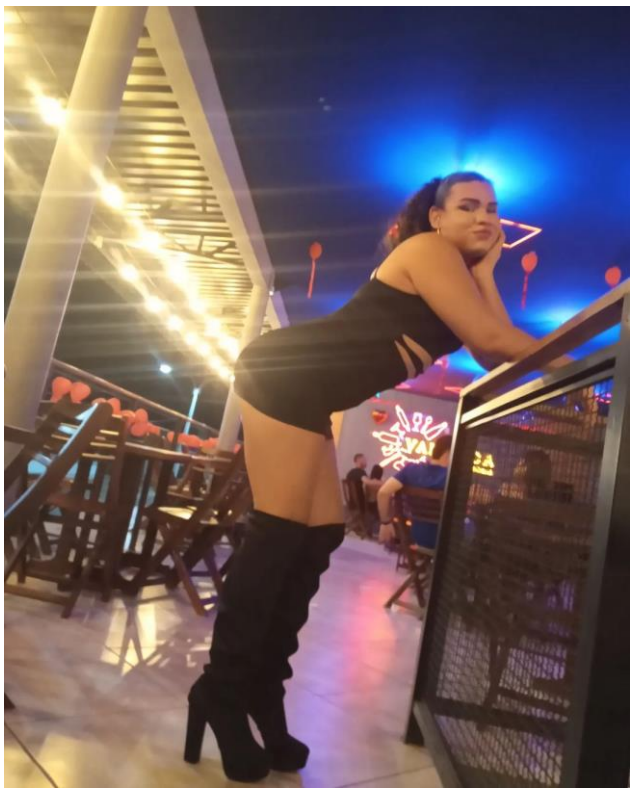
Figura 6 – A travesti que sou



V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Fonte: arquivo do autor (cedido pela personagem).

Figura 7 – Uma sereia fora d'água



Fonte: arquivo do autor (cedido pela personagem).

Figura 8 – Sou a pérola da coroa



Fonte: arquivo do autor (cedido pela personagem).

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Figura 9 – A bandeira LGBTQIAPN+, a cidade e Jhenny



Fonte: arquivo do autor (cedido pela personagem).

Figura 10 – 2024, estou pronta, vamos!



Fonte: arquivo do autor (cedido pela personagem).

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

O ensaio visual destaca a importância da representação e autorrepresentação das pessoas trans na sociedade, utilizando a experiência de Jhenny como um exemplo emblemático das lutas enfrentadas por indivíduos LGBTQIAPN+. Por meio das lentes de teóricas, como Simone de Beauvoir e Judith Butler, o texto enfatiza que o gênero é uma construção social que deve ser constantemente questionada e redefinida. A falta de representação nas esferas políticas, como evidenciado pelas reflexões de Lilia Schwarcz e Érica Hilton, revela a necessidade urgente de inclusão e visibilidade para as minorias sociais. A atuação de Hilton, que transcende a defesa dos direitos LGBTQIAPN+ para abarcar outras questões sociais, simboliza uma esperança renovada de mudança e a possibilidade de um futuro mais justo. O voto emerge como uma ferramenta poderosa para a transformação social, desafiando a narrativa de impotência que muitas vezes é imposta às classes marginalizadas. Assim, o ensaio não apenas documenta uma realidade, mas também convoca à ação e à reflexão sobre o papel de cada um na construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

O texto destaca a urgência de mudança social e política, enfatizando a importância da autoafirmação e da luta por representação das minorias. Reflete-se sobre a necessidade de educar e empoderar os estudantes para que se tornem agentes de mudança, enfatizando a escolha consciente de representantes que realmente reflitam suas realidades e aspirações. A ideia central é que, apesar das dificuldades impostas pela sociedade, é possível sonhar e trabalhar por uma existência melhor por meio da participação ativa no processo eleitoral e na busca por políticas inclusivas.

É preciso pensar na histórica exclusão das minorias, ao legado colonial que relegou certos grupos a uma posição de marginalização. A chamada à ação é clara: pretos, LGBTQIAPN+, mulheres e indígenas devem se unir e buscar representantes que realmente defendam seus interesses e direitos. A educação é vista como a chave para desafiar e transformar a estrutura patriarcal de poder.

Com as imagens de Jhenny queimando seu RG como um ato simbólico de retificação e libertação, ilustra-se momentos de resistência e celebração da identidade, reforçando a mensagem de que a luta pela visibilidade e pelos direitos é contínua e necessária.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Espera-se que este texto possa fomentar a discussão sobre os direitos sociais e políticos das pessoas relegadas à condição de minorias sociais, uma vez que em termos quantitativos, são maioria. Que este ensaio sirva tanto à área das ciências humanas e sociais quanto das linguagens, especialmente das artes visuais e performáticas. E que sirva também, como manifesto em prol de um grupo de pessoas que se identificam por uma dada condição e que esta condição possa uni-los. LGBTQIAPN+, uni-vos.

Referências:

BUTLER, Judith. Judith Butler: Quem tem medo do gênero? Outras Palavras: jornalismo de profundidade e pós-capitalismo, São Paulo, 8 mar. 2024. Online. Disponível em: https://outraspalavras.net/feminismos/judith-butler-quem-tem-medo-do-genero/. Acesso em: 19 maio. 2024.

FROTA, Gonçalo. Motomami: o manifesto da transformação de Rosalía. Público.pt. Portugal. [18 de Março de 2022, 11:21]. Crítica: música. Disponível em: https://www.publico.pt/2022/03/18/culturaipsilon/critica/rosalia-motomami-1999254. Acesso em: 13 jan. 2025.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Novos estudos CEBRAP, n. 79, p. 71–94, nov. 2007.

SANTOS, M. G. SIMONE DE BEAUVOIR. “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Sapere Aude, v. 1, n. 2, p. 108-122, 30 maio 2011.

Recebido em: 11/12/2024.
Aceito em: 13/01/2025.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Walter Rodrigues Marques
Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP). Mestre em Educação - Gestão de Ensino da Educação Básica, pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica, da Universidade Federal do Maranhão (PPGEEB/UFMA, 2019). Especialização em Metodologias Ativas e Tecnologias Educacionais Digitais, Universidade de Coimbra-Portugal (2022). Especialista em Psicologia da Educação pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA, 2022). Especialização em Arte, Mídia e Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA, 2021). Licenciatura em Física, pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA, 2023). Graduado em

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Ciências Sociais (UFMA, 2023). Graduado em Psicologia pela Faculdade Pitágoras (2015). Graduado em Educação Artística - Artes Plásticas (Licenciatura - UFMA, 2012). Professor de Arte do Estado do Maranhão. Membro do Grupo de Pesquisa GPARTEDU: Grupo de Pesquisa Arte na educação, na formação de professores e no currículo escolar (FE-USP). Pesquisa: indígenas e o contato; educação museal; arte/educação; arqueologia/antropologia; cerâmica; artes visuais; tecnologia, educação e arte.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8744-2180
E-mail: waltermarques@usp.br

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/